



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL

End. telogr. Talhadas - Lisboa - Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A ACÇÃO DA C. G. T.

## Relatório do Comité Confederal

### Campanha de protesto

Em face da acintosa perseguição movida à organização operária, privada da sede uma parte e outra impedida de reunir, e em vista das pressões em massa e da perseguição ao nosso órgão, nem por isso, como já acentuámos, deixou o Comité de reunir, apesar de ter a sua sede encerrada, não obstante três dos seus membros haverem sido presos.

Lançou o Comité um chamamento ao operariado organizado para uma campanha de protesto em todo o país, como se poderá ver pela circular n.º 4, que foi publicada na *Batalha*.

### Os transportes e a Revolução Russa

Pela Associação do Pessoal da Companhia Carris de Ferro de Lisboa foi entregue ao Comité um ofício da Federação Internacional de Transportes com um questionário relativo ao envio de tropas e munições para os contrarrevolucionários russos. Era um assunto importante, sobre o qual se deveriam pronunciar todos os organismos de transportes. Quem legitimamente se deveria pronunciar era a Federação de Transportes de Terra e Mar e a Federação Marítima. Mas a primeira não funcionava e a segunda não abrangia os transportes de terra.

### Sobre a organização dos transportes

Ao Comité Confederal, não passou despercebido o modo como estão organizados os trabalhadores de transportes em Portugal.

No Congresso de Coimbra assinaresam os delegados de todos os organismos de transportes de terra e mar um pacto para que logo que a Lisboa chegasse, promovessem a fusão das Federações de Transportes de Terra e Mar e Marítima.

Factos posteriores impediram que se levasse a cabo aquele acordo. Entretanto os ferroviários aproveitavam-se para levar a efeito um congresso corporativo, do qual sairia a respectiva federação de indústria.

Os correios e telegrafos pensavam igualmente em dar aos seus organismos sindicais uma nova estrutura, constituindo o Sindicato Nacional das Comunicações.

Descongestionavam-se, assim, os transportes, mas ficavam existindo as duas federações atrás referidas, uma sem funcionamento e a outra não tendo no seu seio todos os sindicatos marítimos.

Afigurou-se ao Comité, portanto, que era necessário promover trabalhos tendentes a estabelecer uma aproximação, e estes seriam o estudo dumhas bases onde se definisse qual deveria ser a forma a adoptar para que todos os organismos de transportes estivessem de futuro interligados.

Assim procedeu e conseguiu que tanto a Federação dos Transportes de Terra e Mar como a Federação Marítima nomeassem uma comissão, para conjuntamente com delegados dos ferroviários, dos correios e telegrafos e do comité confederal, se procedesse ao referido estudo.

As greves que surgiram em quasi todas as classes, às quais pertencem os membros do comité, greves que se declararam também em classes de transporte e que igualmente deveriam nomear delegados para a elaboração desse estudo, impediram que se prosseguisse em tais trabalhos.

O conselho confederal, agora reunido, deliberará sobre o assunto.

### A Casa dos Trabalhadores

Nos fins do ano transacto foram os organismos sindicais de certo modo ameaçados de ficar sem sede. Nessa altura a comissão nomeada pelo corpo editorial de *A Batalha*, sciende do facto, elaborou um parecer, tornado publico no n.º 305 do nosso órgão, segundo o qual se deveria nomear uma comissão destinada a adquirir uma casa para as organizações sindicais de Lisboa. O comité aceitou a ideia e imediatamente convidou a U. S. O., as Federações de Indústria e os Sindicatos Unicos a nomearem delegados para constituírem a referida comissão.

Aqueles organismos, com o máximo entusiasmo, acorreram ao convite e a Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores ficou assim constituída: Pela C. G. T., M. J. de Sousa; pela *Batalha*, Alexandre Vieira; pela U. S. O., de Lisboa, Francisco Viana; pela Construção Civil, Joaquim Cardoso; pela Federação do Livro e do Jornal, Carlos Dias; pela Federação dos Empregados do Comércio, Jorge Campelo; pela Federação do Calçado, Couros e Peles, Carlos da Mata; pelas classes metalúrgicas, Joaquim de Sousa; pela indústria do mobiliário, Júlio Rodrigues; pelos Fabricantes de Armas, Luis Rozendo; pelo Arsenal de Marinha, Abel Pereira, etc.

Os resultados da organização em face

vor da Casa dos Trabalhadores, se não foram o que se esperava, foram contudo animadores e mais o seriam se a vida não estivesse continuamente a encarecer, sendo por último aquela iniciativa altamente prejudicada com os recentes movimentos e com o seu desfecho.

Mas depois da tempestade virá a bonança, como se diz-se, e o que não se fez ontem conseguir-se há amanhã.

### "A Batalha"

A situação financeira do órgão da C. G. T., por motivo da constante elevação dos preços de papel, material de impressão e salários, é periclitante. Embora o seu corpo editorial venha, possivelmente, trazer ao conselho confederal o relatório do seu estado financeiro, é nosso dever resumir aqui os trabalhos pelo comité levados a efeito para de algum modo ser prestado auxílio ao jornal, garantindo a sua regular publicação.

A administração de *A Batalha*, em face do acréscimo de despesa, e não dispondo de receita suficiente, expôs ao comité a situação. E este, como não podia deixar de ser, em vista do conselho confederal não poder reunir imediatamente, convidou as uniões de sindicatos próximas, as federações, os sindicatos nacionais e únicos para uma reunião, que se efectuou a 21 de Fevereiro, na qual foi exposta a situação difícil de *A Batalha*.

Dessa reunião saiu uma proposta para que pelos sindicatos fosse paga uma cota suplementar de 5 centavos por mês, destinado à manutenção do jornal.

Essa contribuição, porém, não se generalizou logo a todas as classes, porque algumas, e das mais numerosas, estavam a bragar com reclamações para a consecução das quais foram levadas à greve.

E assim, enquanto os recursos monetários em pouco aumentavam, o papel de impressão continuava a dar a subir de preço.

E para mais agravar a situação financeira do jornal, a autoridade, com uma sanha feroz, exercia a mais odiosa perseguição sobre *A Batalha*, impedindo que fosse publicada depois de estar já na casa de impressão, quando não a apreendia na rua.

Os prejuízos então redobramos, tendo o comité de fazer nova convocação daqueles organismos para o dia 24 de Abril.

Nessa reunião deliberou-se que todos os organismos que dispusessem de capital, cedessem as maiores quantias de que pudessem dispor, a fim de que a publicação do jornal prosseguisse sem interrupção. Além disso, foi uma comissão nomeada para promover espectáculos e festivais para os seus lucros reverterem a favor do jornal.

### Um inquérito

A insuficiência de indicações respeitantes às sedes de cada sindicato, ao seu número de componentes, aos esforços instrutivos e educativos que realizam, insuficiência que se observa em todos os organismos federativos e que se reflectia na C. G. T., levou o Comité a enviar a todos os organismos o inquérito que consta da circular n.º 3.

### Congressos

Em 30 e 31 de Setembro p. p. efectuou-se, na cidade de Santarém o VI Congresso Nacional dos Empregados no Comércio e em 15 e 16 de Março do corrente ano efectuou-se, em Beja, o IV Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais.

Nos dois congressos foi a C. G. T. representada pelo secretário geral, de correndo um e outro animadamente, tendo sido tomadas deliberações de grande valor, como consta dos relatórios do nosso órgão na imprensa, pelo que nos absteimos de mais largas referências.

### Propaganda na provincia

Vários comités têm sido endereçados vários pedidos para o envio de delegados à provincia, pedidos que não poderam ser logo satisfeitos em virtude de determinadas deficiências com que o Comité tem lutado. Alguns desses pedidos referem-se à propaganda de organização de sindicatos locais, e particularmente da Federação dos Trabalhadores Rurais para que esta seja auxiliada nos seus trabalhos de organização da grande classe que representa.

E do conhecimento do Comité que no país há classes numerosas que estão quasi completamente desorganizadas. Na industria textil, por exemplo, que é das mais desenvolvidas em Portugal, a organização é das mais precárias.

Entre o Porto e Guimarães, no Minho, há numerosas fábricas de tecidos de algodão que ocupam milhares de operários, e apesar de já em tempos se ter desenhado a tentativa de organização dos operários de Riba-de-Ave (Famalicão) e haver tido mesmo início em Negrelos (Santo Tirso) uma associação, tentativas não vingaram, por falta de continuidade na propaganda.

Idênticas tentativas estão surgindo, pelo que respeita à industria de lanifícios, nas duas Beiras. Na Beira Baixa, especialmente, há numerosas fábricas de lanifícios que ocupam igualmente milhares de operários. E a sua organização quasi se limita às associações da Covilhã e de Gouveia. Por muita que seja a vontade daqueles organismos em estender o seu raio de acção na propaganda, conforme o acordo estabelecido

com o Comité, a primeira daquelas associações, como noutro lugar referimos, pouco poderá fazer naquele sentido.

De sorte que para se conseguir a organização daqueles milhares de operários e para se organizarem igualmente milhares de outros que na provincia se ocupam no exercicio de outras indústrias cujo incremento é notório: serrarias, minérios, etc., e ainda para a Federação dos Trabalhadores Rurais se dar o concurso de que carece a fim de desenvolver a propaganda e organização camponesa, urgente se torna que a Confederação, pela secção das Federações de Indústria ou pelas duas, em conjunto, estude o meio de enviar e manter delegações na provincia com a maior estabilidade possível, a fim de se entrar no período intenso de organização tam desejado e tam necessário em Portugal.

Outra questão se tem apresentado ao comité: é a organização dos sindicatos mistos nas pequenas localidades. Estes sindicatos ficaram fora da discussão, em Coimbra. Mas é um assunto que urge ser tratado. Tem sido pedidos estatutos, e como estes precisam ter uma feição especial, adaptável a todos os casos sujeitos, um modelo precisa ser elaborado para esse fim.

### A manifestação do 1.º de Maio

Para a propaganda do dia 1.º de Maio também a C. G. T. contribuiu na medida das suas possibilidades.

Fez-se representar no comício de Lisboa e enviou delegados a Odivelas, Faro, Évora, Barreiro, Setúbal e Coimbra.

### O relatório do II Congresso Nacional

Uma das resoluções do Congresso de Coimbra consistiu em que se reunissem em livro as suas decisões. O Comité não chegou ainda a realizar aquela decisão em virtude do múltiplo trabalho com que tem sido assoborçado.

Atendeu também à circunstância de para a impressão daquele livro ser necessário empregar um importante capital, pôsto que está caríssimo o papel e material de impressão.

E todo o capital que realizou, proveniente da cotização confederal, tem estado em giro com as cadernetas, verbetes e selos confederados, tendo, por outro lado, de ocorrer às despesas cotidianas da Confederação.

Agora, porém, que tudo está em vias de normalidade, é possível pôr-se esse trabalho em execução.

### Seguros sociais obrigatórios

Algumas associações e Federações dirigiram-se ao Comité Confederal perguntando como deveriam proceder em face duma circular que receberam do Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Social, em que lhes era pedida uma relação dos nomes inscritos nos seus registos como associados.

Ignorando o Comité o conteúdo dessa circular, publicou uma nota segundo a qual nenhum organismo deveria atender o pedido sem ser conhecido o parecer confederal.

De posse da referida circular, resolveu o Comité consultar o Conselho Jurídico, na pessoa do advogado, pedindo-lhe o seu parecer, pôsto que, tratando-se duma lei, só elle estava autorizado a verificar quais as suas vantagens ou inconvenientes.

Nesse parecer, mais tarde apresentado ao Comité, acentuava o advogado que não havia inconveniente algum em que as associações prestassem as informações pedidas na circular, a que, de resto, são forçadas a fazer pela lei de 9 de Maio de 1891 que regula o funcionamento das associações de classe.

Acentuava ainda o advogado que, em seu critério, não haveria também inconveniente em serem nomeados os delegados operários, com mandato revogável, ao Conselho Superior de Trabalho, etc., tanto mais que a organização sindical envia delegados para as pautas operárias dos Tribunais de Arbitros e dos Accidentes no Trabalho.

Sobre esta questão, porém, o II Congresso não reconheceu vantagem na nomeação de delegados a novas instituições dimanadas do Estado, com o fundamento de que a classe operária tem capacidade bastante para estudar e determinar todas as questões que lhe digam respeito.

O advogado acentuava mais que não era de caracter juridico o parecer que o Comité lhe pediu, mas de caracter moral, por isso que era este o lado da questão que preocupava o Comité.

Conquanto o comité não lhe tivesse pedido o seu parecer num ou noutro sentido, concordava, no entanto, que o lado moral o tem na mais alta consideração.

No parecer sobre a nomeação dos delegados às Bólsas de Trabalho, votado no Congresso de Coimbra, consta que nunca a acção do Estado foi de molde a beneficiar a classe operária, não obstante vasta legislação ter aparecido nesse sentido, mas sem sempre feita com a intenção de enfraquecer a acção dos organismos operários.

O comité, consultando as leis sobre os Seguros Sociais Obrigatórios, verificou que as mesmas trazem certas vantagens para a classe operária. Porém, essas vantagens são mais illusórias do que reais. Parece que, nesta hora em que o regime capitalista está em derrocada, se quer apresentar o Estado como uma providência, quando é certo que as vantagens materiais que aquelas leis oferecem são previamente

### NOTAS & IMPRESSÕES

## SEXO FRÁGIL

No tempo em que havia eléctricos para todos, no abençoado tempo em que a Companhia dos ditos vigiava finalmente a lotação das plataformas, impedindo que fôssemos empilhados como sardinha em barrica, era do bom tom, de sã delicadeza, de requintada galantaria uma pessoa levantar-se, se acaso ia sentado, e oferecer o seu lugar a uma senhora que estivesse de pé. Erguia-se a gente com o ar mais gentil deste mundo e buscando no repertório das amabilidades o sorriso mais hipocrita e a voz mais inefluentemente falsa, descobria-se cavalheirescamente e convidava a dama, que quasi sempre era bonita, a tomar assento. Cabe dizer, entre parêntesis, que isto é já hoje muito raro — não sei porque nem por que não. Adiante. Chamava-se a esta coisa, e ainda agora se chama, quando de ano a ano há leo para o fazer, delicadeza, correcção, boas maneiras...

Pela parte que me toca declaro que fiz isso algumas vezes quando era menino e mogo, sem bem me aperceber, todavia, dos motivos certamente ponderosos porque o fazia, mas suponho não andar longe da verdade dizendo que metia para aí o seu belido aquela inconsciência que impele para a imitação todos os fedelhos que querem ser homens antes de tempo. Dei, de quando em quando, o meu lugar a algumas senhoras, envelopadamente o confesso; mas desta culpa me penitencio, contrito, arrependidíssimo, porque hoje não o faria, nem o faço.

Parece-me que tenho as minhas razões. Que me importa a mim que me chamem malcriado se eu procedo de acordo com a minha consciencia? Com os mesmos argumentos de que se servem os bem educados lhes posso eu chamar hipocritas e farçantes porque elles nem teem sequer a coragem de esboçar os impulsos primeiros do seu coração que lhes ordena um 'desculpas' comodismo, um não te repales de mandarim, que são, afinal, clinicamente atraçados porque 'parece mal' ficar sentado quando uma senhora vai de pé. E' ou não é isto, senhores delicados? Todavia, ainda estou para vos vender o vosso lugar a uma trapeira que pertence, também, ao estado de 'irragil'. O sexo frágil! O sexo frágil! Que imbecillidade! Ele, que em todas as manifestações da actividade humana, em todos os actos sociais, revela uma força incomensurável, um poder enorme e inextinguível tem o nome de sexo frágil; nós, os que cavamos a terra e fazemos a barba; que passamos toda a nossa vida a adivinhar-lhe os desejos para os satisfazer *in contentis*; nós que viemos ao mundo por uma cilada sua, para vivermos sempre — sempre, sim, nada de illusões! — na sua dependência; que não temos outra missão na terra senão agradar-lhe, sorrir-lhe, amá-lo e cantá-lo em verso e em prosa; nós a

regularmente. O número dos seus componentes era de três, segundo o seu regulamento privativo. Mas já antes do Congresso os dois compareciam. E após o Congresso, porque a C. G. T. obedece a uma estrutura diferente da extinta U. O. N., ficaram sem representação directa aqueles dois membros. Porém, a convite do Comité e a título provisório esses dois membros conservaram-se no seu pósto até à reunião do Conselho Confederal.

Todavia, pela existência daquela irregularidade o Comité acompanhou quasi sempre a vida do Conselho Jurídico, mas entende, que se deverá estudar com a maior urgência as bases em que esse conselho deve funcionar para o futuro, bases que melhor se adaptem à nossa estrutura confederal e que correspondam às necessidades modernas.

Entende o Comité que o C. J. para melhor desempenhar a sua missão, deve ser composto de cinco membros, dois para trabalhos de administração e três para *démarches*.

O número de ontem de *A Batalha*, depois de estar na máquina, foi sujeito, como sucede de há 67 dias a esta parte com todos os que temo feito, à censura previa, exercida pela policia de segurança do Estado, que por indicação do poder executivo assim subverte tudo quanto na legislação existe em relação ao exercicio da liberdade de imprensa. E entendendo o peregrino censor que aquele número de *A Batalha* trazia qualquer coisa que a alta mentalidade do coronel poderia afugurar-se subversivo ou despejado, ordenou aos subordinados que na casa da máquina haviam ficado vigiando as fórmulas, que não só impedissem *A Batalha* de circular, mas que também apreendessem quaisquer exemplares que possivelmente tivessem sido impressos. E os seus mandatários executaram a ordem sem pestanejar.

E' a 10.ª vez que isto succede connosco. Mas nem por a arbitrariedade ter sido repetida tantas vezes nos conformamos com

quem éle delicia voluptuosamente, e que até parecemos tristes quando os seus caprichos e as suas fantasias não nos distraem ou nos atigem, consoante se trata duma carícia ou dum vestido, é que somos o sexo forte!

Ora, pois!... O facio, mesmo, de lhe cedermos o lugar demonstrando a evidência o contrário. Sexo forte! Onde, perante as mulheres, somos nós fortes? Se nos cumprimentam nunca nos tiram o chapéu; nós é que nos descobrimos. Se, num teatro, estivermos num camarão, temos de mostrar a calva, se a tivermos; elas podem ocultar a vontade das suas faltas de cabelo. Se entrarmos num templo escorraçam-nos se não nos descobrimos; o sexo frágil está isento desse precalço. Elas são, com efeito, fisicamente mais fracas e o nosso braço ampara-as e protege-as, mas sabem que a sua fraqueza sustenta a nossa honra. Moralmente são-nos superiores, infinitamente superiores. A ausência da força física sup' em-na elas com a astúcia, que é também uma força muito mais terrível. Daí a nossa inferioridade. A força de Sansão aniquilou-a Dalila com quem intrujou Adão. Reparem bem que nunca poderia ter succedido o contrário.

Em todos os campos elas manifestam a sua vontade e o seu poder, o seu despotismo e a sua tirania deliciosa de rainhas. Mau grado nosso, sentimo-la e não podemos fugir-lhe, parecendo, até, que quanto mais ela se exerce mais felizes nos encontramos, a pontos de nos privarmos dum prazer em seu benefício. Mentalmente elas chamam-nos parvos, e é que o somos, e por isso eu me fico muito quietinho no meu lugar, porque é triste ser parvo por tam pouco e ainda mais triste patentear-lhes de modo tam claro a nossa submissão à sua indiscutível soberania. Esses que quasi sempre manhosamente, e sempre mal-humorados, cedem *sa place*, mais por toleima do que por polidez, são incapazes de fazer outro tanto se se trata dum velho ou dum estropiado, que pertencem, não ao sexo frágil, mas à categoria tam numerosa dos seres inferiores, pelos anos ou pelo trabalho. Para estes não há boas-maneiras, nem delicadeza, nem o 'parece mal'. Tartafismo. E o mau hábito está tam espalhado que, segundo parece, afóra a minha insignificante pessoa, todo o mundo o pratica.

Se, portanto, V. Ex.ª, minhas senhoras, encontrarem algum dia um eléctrico um cavalheiro novo, alto, magro, de bigode rapado e cara de poucos amigos, que não lhes ofereça hipocritamente o seu lugar, ficam desde já sabendo que esse patife sou eu.

Antero de LIMA.

extraídas dos parcos salários dos operários e da parte dos lucros que os patrões realizam mercê do esforço ingente dos trabalhadores assalariados. 2 1/2 % de coita os operários; 6 1/2 % os patrões.

O Estado só contribui na sua qualidade de patrão, ou enquanto os operários estão na fileira militares, ao seu serviço, (6 %), como patrão e 7 1/2 % pelos operários militares pagos sobre a média de salário diário de \$63,3).

Aos operários são descontados os 2 1/2 % sobre os salários, que auferem no exercicio das suas profissões, e como os seus salários, devido à subida do custo das subsistências, teem sido elevados, elevada será a percentagem dos 2 1/2 %.

A lei, para efeito de pagamento do seguro na invalidez ou na velhice, estabelece a reduzição média de \$63,3; mas os operários pagam, especialmente nos grandes centros, a cota proporcional de \$300. E aqueles \$63,3 diários serão pagos integralmente aos operários ao cabo de 30 anos de cotização rigorosa. A velhice só é reconhecida aos 70 anos. Como raríssimo é o operário que alcança aquela idade, é o Estado que vem a lutar.

Postos rapidamente em relevo estes pontos da lei, que se nos afiguram interessantes para se aquilatar do seu valor, não é ao Comité que compete dar o seu parecer sobre a mesma, cabendo no entanto considerar que a satisfação do pedido constante da circular que determinou estas apreciações não briga com a decisão do II Congresso Operário Nacional.

Uma coisa convém todavia, acentuar, e vem a ser que a organização não se pode prender com as miríficas reformas das leis de seguros sociais obrigatórios, antes deve contar apenas com as suas forças, tam certo é serem as contrárias, como todas, destinadas, como diz o parecer do Congresso de Coimbra, a enfraquecer a acção dos organismos operários.

### O Conselho Jurídico

Desde o Congresso de Coimbra que o Conselho Jurídico tem funcionado ir-

regularmente. O número dos seus componentes era de três, segundo o seu regulamento privativo. Mas já antes do Congresso os dois compareciam. E após o Congresso, porque a C. G. T. obedece a uma estrutura diferente da extinta U. O. N., ficaram sem representação directa aqueles dois membros. Porém, a convite do Comité e a título provisório esses dois membros conservaram-se no seu pósto até à reunião do Conselho Confederal.

Todavia, pela existência daquela irregularidade o Comité acompanhou quasi sempre a vida do Conselho Jurídico, mas entende, que se deverá estudar com a maior urgência as bases em que esse conselho deve funcionar para o futuro, bases que melhor se adaptem à nossa estrutura confederal e que correspondam às necessidades modernas.

Entende o Comité que o C. J. para melhor desempenhar a sua missão, deve ser composto de cinco membros, dois para trabalhos de administração e três para *démarches*.

O número de ontem de *A Batalha*, depois de estar na máquina, foi sujeito, como sucede de há 67 dias a esta parte com todos os que temo feito, à censura previa, exercida pela policia de segurança do Estado, que por indicação do poder executivo assim subverte tudo quanto na legislação existe em relação ao exercicio da liberdade de imprensa. E entendendo o peregrino censor que aquele número de *A Batalha* trazia qualquer coisa que a alta mentalidade do coronel poderia afugurar-se subversivo ou despejado, ordenou aos subordinados que na casa da máquina haviam ficado vigiando as fórmulas, que não só impedissem *A Batalha* de circular, mas que também apreendessem quaisquer exemplares que possivelmente tivessem sido impressos. E os seus mandatários executaram a ordem sem pestanejar.

E' a 10.ª vez que isto succede connosco. Mas nem por a arbitrariedade ter sido repetida tantas vezes nos conformamos com

quem éle delicia voluptuosamente, e que até parecemos tristes quando os seus caprichos e as suas fantasias não nos distraem ou nos atigem, consoante se trata duma carícia ou dum vestido, é que somos o sexo forte!

Ora, pois!... O facio, mesmo, de lhe cedermos o lugar demonstrando a evidência o contrário. Sexo forte! Onde, perante as mulheres, somos nós fortes? Se nos cumprimentam nunca nos tiram o chapéu; nós é que nos descobrimos. Se, num teatro, estivermos num camarão, temos de mostrar a calva, se a tivermos; elas podem ocultar a vontade das suas faltas de cabelo. Se entrarmos num templo escorraçam-nos se não nos descobrimos; o sexo frágil está isento desse precalço. Elas são, com efeito, fisicamente mais fracas e o nosso braço ampara-as e protege-as, mas sabem que a sua fraqueza sustenta a nossa honra. Moralmente são-nos superiores, infinitamente superiores. A ausência da força física sup' em-na elas com a astúcia, que é também uma força muito mais terrível. Daí a nossa inferioridade. A força de Sansão aniquilou-a Dalila com quem intrujou Adão. Reparem bem que nunca poderia ter succedido o contrário.

Em todos os campos elas manifestam a sua vontade e o seu poder, o seu despotismo e a sua tirania deliciosa de rainhas. Mau grado nosso, sentimo-la e não podemos fugir-lhe, parecendo, até, que quanto mais ela se exerce mais felizes nos encontramos, a pontos de nos privarmos dum prazer em seu benefício. Mentalmente elas chamam-nos parvos, e é que o somos, e por isso eu me fico muito quietinho no meu lugar, porque é triste ser parvo por tam pouco e ainda mais triste patentear-lhes de modo tam claro a nossa submissão à sua indiscutível soberania. Esses que quasi sempre manhosamente, e sempre mal-humorados, cedem *sa place*, mais por toleima do que por polidez, são incapazes de fazer outro tanto se se trata dum velho ou dum estropiado, que pertencem, não ao sexo frágil, mas à categoria tam numerosa dos seres inferiores, pelos anos ou pelo trabalho. Para estes não há boas-maneiras, nem delicadeza, nem o 'parece mal'. Tartafismo. E o mau hábito está tam espalhado que, segundo parece, afóra a minha insignificante pessoa, todo o mundo o pratica.

Se, portanto, V. Ex.ª, minhas senhoras, encontrarem algum dia um eléctrico um cavalheiro novo, alto, magro, de bigode rapado e cara de poucos amigos, que não lhes ofereça hipocritamente o seu lugar, ficam desde já sabendo que esse patife sou eu.

Antero de LIMA.

extraídas dos parcos salários dos operários e da parte dos lucros que os patrões realizam mercê do esforço ingente dos trabalhadores assalariados. 2 1/2 % de coita os operários; 6 1/2 % os patrões.

O Estado só contribui na sua qualidade de patrão, ou enquanto os operários estão na fileira militares, ao seu serviço, (6 %), como patrão e 7 1/2 % pelos operários militares pagos sobre a média de salário diário de \$63,3).

Aos operários são descontados os 2 1/2 % sobre os salários, que auferem no exercicio das suas profissões, e como os seus salários, devido à subida do custo das subsistências, teem sido elevados, elevada será a percentagem dos 2 1/2 %.

A lei, para efeito de pagamento do seguro na invalidez ou na velhice, estabelece a reduzição média de \$63,3; mas os operários pagam, especialmente nos grandes centros, a cota proporcional de \$300. E aqueles \$63,3 diários serão pagos integralmente aos operários ao cabo de 30 anos de cotização rigorosa. A velhice só é reconhecida aos 70 anos. Como raríssimo é o operário que alcança aquela idade, é o Estado que vem a lutar.

Postos rapidamente em relevo estes pontos da lei, que se nos afiguram interessantes para se aquilatar do seu valor, não é ao Comité que compete dar o seu parecer sobre a mesma, cabendo no entanto considerar que a satisfação do pedido constante da circular que determinou estas apreciações não briga com a decisão do II Congresso Operário Nacional.

Uma coisa convém todavia, acentuar, e vem a ser que a organização não se pode prender com as miríficas reformas das leis de seguros sociais obrigatórios, antes deve contar apenas com as suas forças, tam certo é serem as contrárias, como todas, destinadas, como diz o parecer do Congresso de Coimbra, a enfraquecer a acção dos organismos operários.

O comité, consultando as leis sobre os Seguros Sociais Obrigatórios, verificou que as mesmas trazem certas vantagens para a classe operária. Porém, essas vantagens são mais illusórias do que reais. Parece que, nesta hora em que o regime capitalista está em derrocada, se quer apresentar o Estado como uma providência, quando é certo que as vantagens materiais que aquelas leis oferecem são previamente

regularmente. O número dos seus componentes era de três, segundo o seu regulamento privativo. Mas já antes do Congresso os dois compareciam. E após o Congresso, porque a C. G. T. obedece a uma estrutura diferente da extinta U. O. N., ficaram sem representação directa aqueles dois membros. Porém, a convite do Comité e a título provisório esses dois membros conservaram-se no seu pósto até à reunião do Conselho Confederal.

Todavia, pela existência daquela irregularidade o Comité acompanhou quasi sempre a vida do Conselho Jurídico, mas entende, que se deverá estudar com a maior urgência as bases em que esse conselho deve funcionar para o futuro, bases que melhor se adaptem à nossa estrutura confederal e que correspondam às necessidades modernas.

Entende o Comité que o C. J. para melhor desempenhar a sua missão, deve ser composto de cinco membros, dois para trabalhos de administração e três para *démarches*.

O número de ontem de *A Batalha*, depois de estar na máquina, foi sujeito, como sucede de há 67 dias a esta parte com todos os que temo feito, à censura previa, exercida pela policia de segurança do Estado, que por indicação do poder executivo assim subverte tudo quanto na legislação existe em relação ao exercicio da liberdade de imprensa. E entendendo o peregrino censor que aquele número de *A Batalha* trazia qualquer coisa que a alta mentalidade do coronel poderia afugurar-se subversivo ou despejado, ordenou aos subordinados que na casa da máquina haviam ficado vigiando as fórmulas, que não só impedissem *A Batalha* de circular, mas que também apreendessem quaisquer exemplares que possivelmente tivessem sido impressos. E os seus mandatários executaram a ordem sem pestanejar.

E' a 10.ª vez que isto succede connosco. Mas nem por a arbitrariedade ter sido repetida tantas vezes nos conformamos com

quem éle delicia voluptuosamente, e que até parecemos tristes quando os seus caprichos e as suas fantasias não nos distraem ou nos atigem, consoante se trata duma carícia ou dum vestido, é que somos o sexo forte!

Ora, pois!... O facio, mesmo, de lhe cedermos o lugar demonstrando a evidência o contrário. Sexo forte! Onde, perante as mulheres, somos nós fortes? Se nos cumprimentam nunca nos tiram o chapéu; nós é que nos descobrimos. Se, num teatro, estivermos num camarão, temos de mostrar a calva, se a tivermos; elas podem ocultar a vontade das suas faltas de cabelo. Se entrarmos num templo escorraçam-nos se não nos descobrimos; o sexo frágil está isento desse precalço. Elas são, com efeito, fisicamente mais fracas e o nosso braço ampara-as e protege-as, mas sabem que a sua fraqueza sustenta a nossa honra. Moralmente são-nos superiores, infinitamente superiores. A ausência da força física sup' em-na elas com a astúcia, que é também uma força muito mais terrível. Daí a nossa inferioridade. A força de Sansão aniquilou-a Dalila com quem intrujou Adão. Reparem bem que nunca poderia ter succedido o contrário.

Em todos os campos elas manifestam a sua vontade e o seu poder, o seu despotismo e a sua tirania deliciosa de rainhas. Mau grado nosso, sentimo-la e não podemos fugir-lhe, parecendo, até, que quanto mais ela se exerce mais felizes nos encontramos, a pontos de nos privarmos dum prazer em seu benefício. Mentalmente elas chamam-nos parvos, e é que o somos, e por isso eu me fico muito quietinho no meu lugar, porque é triste ser parvo por tam pouco e ainda mais triste patentear-lhes de modo tam claro a nossa submissão à sua



